

DANIEL GALERA

Barba ensopada de sangue

Romance



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Daniel Galera

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Carmen T. S. Costa

Adriana Cristina Bairrada

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Galera, Daniel

Barba ensopada de sangue : romance / Daniel Galera.
— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2187-8

1. Romance brasileiro I. Título.

12-11512

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

PRIMEIRA PARTE

1.

Vê um nariz batatudo, reluzente e esburacado como uma casca de bergamota. Boca estranhamente juvenil entre queixo e bochechas tomados por rugas finas, pele um pouco flácida. Barba feita. Orelhas grandes com lóbulos maiores ainda, parecendo esticados pelo próprio peso. Íris da cor de café aguado no meio de olhos lascivos e relaxados. Três sulcos profundos na testa, horizontais, perfeitamente paralelos e equidistantes. Dentes amarelados. Cabelos loiros abundantes quebrando numa única onda por cima da cabeça e escorrendo até a base da nuca. Seus olhos percorrem todos os quadrantes desse rosto no intervalo de uma respiração e ele pode jurar que nunca viu essa pessoa na vida, mas sabe que é seu pai porque ninguém mais mora nessa casa desse sítio em Viamão e porque ao lado direito do homem sentado na poltrona está deitada de cabeça erguida a cadela azulada que o acompanha faz muitos anos.

Que cara é essa?

O pai só esboça sorriso, a piada é velha, dá a resposta usual. A mesma de sempre.

Agora ele repara em suas roupas, uma calça de alfaiataria cinza-escuro e uma camisa azul de mangas compridas arregaçadas até os cotovelos, molhada de suor debaixo dos braços e acima da barriga redonda, nas sandálias que parecem ter sido escolhidas à força, como se apenas o calor o tivesse impedido de calçar sapatos de couro, e também na garrafa de conhaque francês e no revólver que descansam sobre a mesinha ao lado da poltrona reclinável.

Senta aí, diz o pai, acenando com a cabeça para o sofá branco de dois lugares, imitação de couro.

É início de fevereiro e, independente do que alegam os termômetros, a sensação térmica em Porto Alegre e arredores está acima dos quarenta graus. Ao chegar viu que os dois ipês que montam guarda em frente à casa estavam carregados de folhas e padeciam no ar parado. Na última vez em que esteve aqui, ainda na primavera, suas copas floridas de roxo e amarelo tremiam no vento frio. Ainda dentro do carro passou pela parreira cultivada à esquerda da casa e avistou numerosos cachos de uvas miúdas. Dava para imaginá-las transpirando açúcar após meses de seca e calor. O sítio não tinha mudado nada nesses poucos meses, nunca mudava, um retângulo plano tomado de capim à beira da estrada de terra, com o campinho de futebol jamais utilizado entregue ao desleixo habitual, os latidos irritantes do outro cão na rua, a porta da casa aberta.

Cadê a caminhonete?

Vendi.

Por que tem um revólver na mesinha?

É uma pistola.

Por que tem uma pistola na mesinha?

O ruído de uma moto passando na estrada é acompanhado pelos latidos do Bagre, roucos como berros de um fumante inveterado. O pai franze a testa. Não atura esse vira-lata insolente e

barulhento e o mantém somente por senso de responsabilidade. Tu pode deixar pra trás um filho, um irmão, um pai, com certeza uma mulher, há circunstâncias em que tudo isso é justificável, mas não tem o direito de deixar pra trás um cachorro depois de cuidar dele por um certo tempo, disse-lhe uma vez quando ainda era criança e a família completa vivia numa casa em Ipanema pela qual passaram meia dúzia de cães. Os cachorros abdicam pra sempre de parte do instinto pra viver com as pessoas e nunca mais podem recuperá-lo por completo. Um cachorro fiel é um animal aleijado. É um pacto que não pode ser desfeito por nós. O cachorro pode desfazê-lo, embora seja raro. Mas o homem não tem esse direito, dizia o pai. A tosse seca do Bagre devia ser aturada, portanto. É o que fazem agora os dois, o pai e Beta, a velha pastora australiana deitada a seu lado, uma cadela de fato admirável, inteligente e circunspecta, forte e parruda como um javali.

Como vai a vida, filho?

E esse revólver? Pistola.

Tu parece cansado.

Tô meio cansado, sim. Tô treinando um cara pro Ironman. Um médico. O cara é bom. Ótimo nadador, tá se virando bem no resto. A bicicleta dele pesa sete quilos com os pneus, uma dessas sai uns quinze mil dólares. Quer completar a prova ano que vem e conseguir índice pro mundial daqui a três anos no máximo. Vai conseguir. Só que ele é chato pra caralho, tenho que aguentar. Tenho dormido pouco, mas vale a pena, ele me paga bem. Continuo dando aula na piscina. Consegui finalmente consertar a lata do meu carro esses dias. Tá zerado. Gastei dois paus. E mês passado fui à praia, passei uma semana no Farol com a Antônia. A ruiva aquela. Ah é, tu não chegou a conhecer. Tarde demais, a gente brigou lá no Farol. E acho que isso é tudo, pai. O resto segue como sempre. Por que tem uma pistola ali?

Que tal essa ruiva? Esse gosto tu herdou de mim.

Pai.

Eu te digo por que tem uma pistola na mesinha num instante, certo? Porra, tchê, não dá pra perceber que eu tô a fim de um pouco de conversa antes?

Tá bom.

Caralho.

Tá bom, desculpa.

Quer uma ceva?

Se tu for beber também.

Eu vou beber.

O pai desencana o corpo da poltrona macia com alguma dificuldade. A pele de seus braços e pescoço adquiriu um rubor permanente ao longo dos últimos anos, bem como uma textura algo galinácea. Arriscava um futebol quando ele e o irmão mais velho ainda eram adolescentes e frequentava academias de musculação sazonalmente até quarenta e tantos anos de idade, mas desde então, como se coincidindo com o interesse crescente do caçula por múltiplos esportes, tornou-se um sedentário convicto. Sempre comeu e bebeu como um cavalo, fumava cigarros e charutos desde os dezesseis anos e gostava de cocaína e alucinógenos, de modo que já lhe custava um pouco arrastar a carcaça por aí. Indo em direção à cozinha, passa pela parede do corredor onde está pendurada uma dúzia de prêmios publicitários, certificados enquadrados em vidro e placas de metal escovado com datas dos anos oitenta em sua maioria, o auge de sua carreira de redator. Noutro ponto da sala, sobre o tampo de mogno de uma cristaleira baixa, há também um par de troféus. É seguido por Beta nessa travessia rumo à geladeira. A cadela parece tão antiga quanto o dono, um totem animado seguindo-o num passo silencioso e flutuante. O deslocamento pesado do pai ao largo dessas recordações de uma glória profissional distante, o animal fiel no

encalço e a falta de sentido da tarde de domingo despertam nele uma comoção tão inexplicável como familiar, um sentimento que às vezes acompanha a visão de alguém um pouco aflito tentando tomar uma decisão ou solucionar um pequeno problema como se disso dependesse o castelo de cartas do significado da vida. Vê o pai no limite tênue desse esforço, navegando perigosamente próximo da desistência. A porta da geladeira abre com um gemido de sucção, vidro tilinta, e em segundos ele e a cadela estão de volta, mais ligeiros no retorno que na ida.

Esse Farol de Santa Marta é lá pros lados de Laguna, né?
É.

Giram as tampinhas de suas long necks, o gás escapa dos gargalos com interjeições de desdém, brindam a nada específico.

Me arrependo de não ter ido mais a esse litoral catarinense. Todo mundo ia nos anos setenta. Tua mãe ia antes de me conhecer. Eu que comecei a levar ela pro sul, Uruguai, coisa e tal. Essas praias lá me davam um pouco de agonia. Meu pai morreu pra esses lados de Laguna, Imbituba. Em Garopaba.

Leva alguns instantes para perceber que se trata do avô, morto antes dele nascer.

O vô? Tu sempre me disse que não sabia como ele morreu.
Eu disse?

Várias vezes. Que não sabia nem como nem onde ele tinha morrido.

Hum. Pode ser. Acho que eu disse mesmo.

Não era verdade?

O pai pensa antes de responder. Não parece querer ganhar tempo, está raciocinando mesmo, cavoucando a memória, ou apenas escolhendo palavras.

Não, não era verdade. Sei *onde* ele morreu, e sei mais ou menos *como*. Foi em Garopaba. Por isso nunca gostei muito de ir pra-queles lados.

Quando?

Foi em sessenta e nove. Ele saiu da chácara de Taquara em... sessenta e seis. Deve ter parado em Garopaba cerca de um ano depois, viveu lá uns dois anos, por aí, até matarem ele.

Deixa escapar uma risadinha curta pelo nariz e canto da boca. O pai o encara e sorri também.

Porra, pai. Como assim, mataram o vô?

O teu sorriso é igual ao do teu vô, sabia?

Não. Não sei como era o sorriso dele. E não sei como é o meu também. Eu esqueço.

O pai diz que ele e o avô não eram semelhantes apenas no sorriso, mas em numerosos aspectos físicos e de comportamento. Que o vô tinha esse mesmo nariz, mais estreito que o dele próprio. O rosto meio largo, os olhos meio afundados no crânio. A mesma cor de pele. Que aquele sanguezinho indígena do avô tinha pulado o filho e caído no neto. Esse teu porte atlético, diz o pai, pode ter certeza que vem do teu vô. Era mais alto que tu, devia ter um e oitenta. Naquela época ninguém fazia esporte assim como tu faz, mas do jeito que teu vô cortava lenha, domava cavalo, capinava, ele deixava no chinelo esses triatletas que tem hoje. Foi a minha vida até os vinte anos também, não pensa que não sei do que tô falando. Trabalhava no campo junto com o pai quando era jovem e ficava impressionado com a força dele. Uma vez a gente foi procurar uma ovelha perdida e achamos o bicho doente lá perto da cerca, quase passando pro vizinho. Ficava a uns três quilômetros da casa. Eu tava pensando em como a gente ia trazer a caminhonete até lá pra levar ela embora, já prevendo que o pai ia me mandar voltar a cavalo, mas ele botou o bicho nas costas, como que abraçado no pescoço dele, por cima dos ombros, e saiu andando. Uma ovelha daquelas pesa uns quarenta, cinquenta quilos, e tu lembra como é aquela região lá onde a gente morava, é só morro, muita pedra no chão.

Eu tinha lá meus dezessete anos e pedia pra carregar um pouco também, queria ajudar, mas o pai dizia não, agora ela tá encaixada aqui, se eu tirar e colocar cansa mais ainda, vamo andando, o importante é ir andando. Eu decerto nem ia aguentar aquele bicho nas costas mais que um ou dois minutos. Magrela eu nunca fui, mas tu e ele são outra espécie. E vocês são parecidos no temperamento também. Teu vô era meio quieto assim que nem tu. Sujeito calado e disciplinado. Não era de encher linguiça, falava só quando precisava e se irritava com os outros quando falavam demais no ouvido dele. Mas a semelhança para por aí. Tu é mansinho, educado. Teu vô tinha pavio curto. Ô velho desaforado. Era famoso por puxar a faca por qualquer coisa. O homem ia ao baile e brigava. E até hoje não entendo como ele arranjava briga, porque bebia pouco, não fumava, não jogava e não se metia com mulher. A tua vó quase sempre saía junto com ele, e é engraçado, ela parecia não se importar com esse lado violento dele. Ela gostava de ouvir ele tocar. Ele era um violeiro e tanto. Uma vez tua vó me disse que ele era daquele jeito porque tinha alma de artista mas tinha escolhido a vida errada. Que ele devia ter percorrido o mundo tocando música e botando pra fora os sentimentos filosóficos dele — foi essa a expressão que ela usou, lembro claramente — em vez de ter começado a trabalhar na terra e se casado com ela, mas que ele desperdiçou esse caminho quando era muito jovem e depois ficou tarde porque ele era um homem de princípios muito rígidos e voltar atrás seria uma agressão a esses princípios. Pra ela essa era a explicação do pavio curto, e pra mim faz sentido, embora eu nunca tenha conhecido meu pai a fundo o bastante pra poder ter certeza. Só sei que ele distribuía bofetada e pranchaço a torto e a direito.

Ele matou gente?

Não que eu saiba. Raramente puxar uma faca significava esfaquear alguém. Ele fazia mais pra se mostrar, acho. Não lem-

bro dele ter voltado machucado pra casa, também. Fora quando levou o tiro.

Tiro.

Ele levou um tiro na mão. Isso eu já te contei.

É verdade. Perdeu os dedos, né.

Numa dessas brigas aí ele se botou pra cima de um cara e o cara foi dar um tiro pra assustar, pegou de raspão nos dedos do pai. Ele perdeu um pedaço de dois dedos, o mindinho e esse do lado. Na mão esquerda, a do dedilhado. Semanas depois ele se animou a pegar o violão de novo e em pouco tempo tava tocando igual ou melhor do que antes. Tinha gente que dizia que ele passou a tocar melhor. Eu não saberia dizer. Ele desenvolveu um dedilhado maluco lá pra tocar as milongas e as gauderidas dele. Acho que esses dois dedos nem fazem muita falta. Não sei. Pra ele não fizeram falta nenhuma. O que acabou mesmo com ele foi quando tua vó morreu de peritonite. Eu tinha dezoito anos. A vida nunca mais foi a mesma, tanto pra mim quanto pra ele.

O pai faz uma pausa e bebe um gole de cerveja.

Vocês saíram da chácara depois que a vó morreu?

Não, vivemos mais um tempo lá. Uns dois anos. Mas tudo começou a ficar estranho. Teu vô era muito apegado à tua vó. Era o homem mais fiel de que tenho notícia. A não ser que ele fosse muito discreto, que tivesse segredos... mas era impossível, numa região como aquela, uma cidadezinha pequena onde tudo se sabia. A mulherada se apaixonava pelo teu vô. Aquele baita homem, valente, violeiro. Eu sei porque ia aos bailes e via mulher solteira e casada se atirando pra cima dele. A mãe comentava com as amigas, também. Ele podia ter sido o maior amante da região e era fiel às raiais da loucura. Cheio de alemoazinha querendo dar, de esposa aventureira. Eu próprio me esbaldava. E o pai me xingava. Dizia que eu parecia um porco se virando no barro. Já viu um porco se virando no barro? É a própria imagem da felicidade.

de. Mas a moralidade do teu vô tinha esse traço essencial, quase maníaco, de que um homem tinha que achar uma mulher que gostasse dele e cuidar dela pra sempre. Ele brigava muito comigo por causa disso. E eu até admirava isso nele enquanto a mãe tava viva, mas depois que ela morreu ele continuou cultivando um senso meio absurdo de fidelidade que já não tinha objeto. Não era exatamente um luto, porque não demorou muito tempo pra ele voltar a frequentar os bailes, agitar churrascos, a tocar violão e se meter em briga. Começou a beber mais também. A mulherada se atracou como mosca na carne e aos poucos ele abriu a guarda pra uma, pra outra, mas de modo geral permaneceu misteriosamente casto. Tinha alguma coisa aí que nunca entendi e nunca vou entender. E a gente começou a se afastar, eu e ele. Não por causa disso, claro, embora nossas convicções sobre como lidar com a mulherada fossem conflitantes. Mas a gente começou a brigar.

E foi aí que tu veio pra Porto Alegre?

Foi. Eu vim em sessenta e cinco. Tinha recém-feito vinte anos.

Mas por que tu e o vô brigaram? Conta aí.

Bom... eu não saberia explicar direito. Mas teve uma coisa principal, que foi a avaliação da parte dele de que eu era um vagabundo mulherengo. De que eu não queria absolutamente nada da vida e não tinha o menor interesse pela chácara, pelo trabalho ou por instituições morais ou religiosas de qualquer espécie. No que ele tinha toda a razão, apesar de haver um certo exagero na percepção dele. Acho que uma hora ele simplesmente encheu o saco e não tinha mais paciência pra me doutrinar. Eu não era um caso tão perdido assim, mas teu vô... enfim. Chegou um dia que eu conheci o famoso pavio curto dele. E o resultado é que ele me mandou embora pra Porto Alegre.

Ele te bateu?

O pai não responde.

Tá, deixa pra lá.

A gente trocou uns tapas, digamos. Ah, que se foda. A essa altura do campeonato nada disso importa mais. Ele me deu uma porrada sim. Sem mais detalhes. E no dia seguinte pediu desculpas mas anunciou que ia me mandar pra Porto Alegre e que seria melhor pra mim. Eu conhecia Porto Alegre de várias visitas e soube na hora que ele tinha razão. Me senti grandão aqui desde o primeiro dia. Fiz curso técnico. Em um ano e meio tinha aberto uma gráfica ali na Azenha. Em três anos tava ganhando bem pra escrever anúncio de amortecedor, bolacha, loteamento residencial. *Você não sabia que a vida podia ser tão boa.*

Ele ri.

É. De. Leite. É deleite! Daí pra baixo.

Tá. Mas mataram o vô.

Pois é. A partir daqui a história é meio nebulosa e boa parte dela eu fiquei sabendo de segunda mão. Não sei bem o que aconteceu, e talvez não tenha acontecido nada específico pra motivar isso, mas cerca de um ano depois da minha vinda pra cidade o teu vô foi embora da chácara. Só tomei conhecimento porque recebi um telefonema dele. Internacional. Ele tava na Argentina. Num cu de mundo qualquer que não lembro o nome. Disse que só pretendia viajar um pouco mas no fim da ligação meio que deu a entender que tinha partido pra sempre, que ia mandar notícia de tempos em tempos e que eu não devia me preocupar. Não me preocupei. Não muito. Lembro de ter pensado que se ele acabasse morrendo num buraco qualquer da existência numa briga de faca como aquele personagem do Borges naquele conto “O sul”, nada seria mais apropriado. Seria trágico, mas apropriado. Enfim. Pensei também que certamente tinha mulher na história, quer dizer, a chance era de noventa e nove por cento, sempre tem uma mulher por trás desse tipo de coisa, e caso fosse verdade era uma coisa boa. E ao longo do

ano seguinte ele me ligou só mais três vezes, se bem me lembro. Numa delas tava em Uruguaiana. A outra foi de uma cidadezinha qualquer do Paraná. Aí ele sumiu por uns seis meses e quando telefonou de novo tava numa vila de pescadores em Santa Catarina chamada Garopaba. E apesar de não lembrar exatamente o que foi dito nesse telefonema, lembro da sensação de que alguma coisa nele tinha mudado. Um toque juvenil na voz, uns assuntos beirando o incompreensível. A descrição que me deu do lugar era incoerente. Só lembro de um detalhe, ele falou em algo que envolvia abóboras e tubarões. Achei que o velho tinha perdido a razão ou, mais incrível ainda, tinha se misturado com hippies e embaralhado o melão com algum chazinho. Mas o que ele tava dizendo é que tinha visto os pescadores pegando tubarão com abóbora cozida jogada ao mar. Os tubarões comiam a abóbora e aquela bosta fermentava e inchava no estômago deles até eles explodirem. E eu disse um Ahn tá certo, pai, legal, te cuida aí e ele me deu tchau e desligou.

Caralho.

E não ligou mais. E eu acabei ficando preocupado. Uns meses depois, sem ter notícia dele, peguei minha moto num fim de semana, a Suzuki cinquenta cilindradas que eu tinha na época, e fui até Garopaba. Oito horas de viagem pela BR 101, contra o vento. A gente tá falando de mil novecentos e sessenta e sete. O acesso pra Garopaba era feito por uns vinte quilômetros de estrada de terra e em alguns pontos era só areia mesmo, e no caminho tu via meia dúzia de casinhas de agricultor e só morro e mato. As pessoas, quando tu tinha a sorte de cruzar com alguém, andavam descalças e pra cada moto ou caminhonete Rural tinha cinco carros de boi. A cidade não aparentava ter mais de mil habitantes e chegando na praia não se via muito mais civilização do que a igreja bem branca na encosta do morro e os galpões e barcos dos pescadores. A vila central ficava aglomerada ao redor

da armação baleeira e, embora eu não tenha visto nada, pescavam baleia por lá ainda. Tavam começando a pôr calçamento de pedra nas primeiras ruas da vila dos pescadores e a praça nova tinha acabado de ficar pronta. Tinha casinhas e sitiozinhos espalhados ao redor da vila e foi num sitiozinho desses que encontrei teu vô, depois de fazer umas perguntas. Ah, o Gaudério, me disse um nativo qualquer lá. Aí eu fui atrás do Gaudério e descobri que teu vô tinha se enfiado numa espécie de modelo em miniatura da velha chácara da família, a uns quinhentos metros da praia. Tinha um cavalo velho, um monte de galinha e uma horta que tomava conta de boa parte do terreno. Tirava um troco fazendo mão de obra pros outros e tinha se enturmado bem com os pescadores. Ele também colhia folhas de butiazeiro, que se usava pra fabricar colchão. Secava as folhas no sol e vendia pros donos das rodas de palha. Dormiu nos galpões de pesca até encontrar casa. Eu não conseguia imaginar meu pai dormindo numa rede, muito menos dentro de um galpão de pesca com as ondas martelando no ouvido. Mas isso não era nada perto da pesca submarina. Os nativos pescavam garoupa, polvo e não sei mais o que mergulhando nas pedras, e vinha gente até do Rio de Janeiro e São Paulo, já naquela época, pra fazer esse tipo de pesca naquela região. E teu vô contou que um dia saiu num bote com uma turma dessas e emprestaram uns óculos com tubo daqueles, um snorkel, e pés de pato e um arpão pra ele e ele mergulhou e não subiu mais. Um paulista apavorado saltou pra buscar o corpo afogado do meu pai no fundo do mar e encontrou ele lá embaixo nos recifes no exato momento em que arpoava uma garoupa do tamanho de um terneiro. E então descobriram que o Gaudério era um prodígio da apneia. Ele sabia nadar, enfrentava rio bravo sem problema algum, mas não suspeitava do fôlego que possuía. Tu tinha que ter visto o teu vô naqueles anos. Em sessenta e sete ele tava com quarenta e cinco ou quarenta e

seis anos, ou quarenta e sete, me perdi na conta, mas era por aí, e a saúde dele era uma coisa absurda. Nunca tinha fumado, fazia cara de nojo pra cigarro, e tinha a constituição de um cavalo crioulo. Forte sempre foi, mas tinha emagrecido, e apesar dos sinais da idade estarem todos lá, rugas, cabelo ralo e grisalho, marcas do trabalho no campo, bastaria dar uma encerrada por fora e ele seria um atleta encouraçado. Um peito maciço, largo. Semanas antes de eu chegar um mergulhador mais ou menos da idade dele, acho que era um militar catarinense, tinha morrido de embolia ao tentar equiparar um tempo de mergulho do meu pai. Posso estar enganado, faz tempo que ouvi a história, mas era coisa de quatro, cinco minutos embaixo d'água.

E por que mataram ele?

Tô chegando lá. Calma, tchê. Quería te dar o contexto. Porque essa história é boa, não é? É boa, sim. Tu tinha que ter visto ele naqueles dias. Não é normal uma pessoa sair de um ambiente e cair em outro tão diferente e se adaptar dessa forma.

Tu não tem uma foto do vô aí? Tu me mostrou uma vez.

Hum. Não sei se ainda tenho. Tenho? Tenho. Lembrei onde tá. Quer ver?

Quero. Não lembro do rosto dele, obviamente. Se eu puder ver a foto enquanto tu conta o resto, seria uma boa.

O pai levanta, long neck na mão, some uns instantes no quarto e retorna com uma fotografia velha de borda serrilhada. A imagem em preto e branco mostra um homem barbudo sentado num banquinho coberto por um pelego de ovelha, ao lado de uma mesa de cozinha, dando início ao movimento de levar à boca a bomba de uma cuia de chimarrão, olhando meio de lado para a lente, insatisfeito em estar sendo fotografado. Veste botas de couro, bombacha e uma blusa de lã com motivos quadriculados. Há um calendário de supermercado com uma foto dos picos do Pão de Açúcar na parede e a luz vem de cima, de janelas

basculantes parcialmente fora de quadro. Não há anotações no verso da fotografia.

Levanta-se e vai até o banheiro. Compara o rosto da fotografia com o rosto que vê no espelho e sente um calafrio. Do nariz para cima, o rosto na fotografia é uma cópia mais morena e um pouco mais envelhecida do rosto do espelho. A única diferença digna de nota é a barba do avô, e apesar dela tem a sensação de estar vendo uma foto de si próprio.

Quero ficar com essa foto, diz ao se recomodar no sofá.

O pai faz que sim com a cabeça.

Visitei teu vô em Garopaba uma segunda vez e foi a última. Era junho, nos dias da quermesse, que é um festão que fazem lá. Shows de música e dança, o povo se empanturrando de tainha, coisa e tal. Numa noite lá subiu ao palco um cantor nativista de Uruguaiana, gurizão de uns vinte e cinco anos, e teu vô logo torceu o nariz. Disse que conhecia o cara, tinha visto ele tocar lá pros lados da fronteira e era uma bosta. Eu lembro que gostei, ele tocava as cordas com força, fazia expressões de profundidade no meio das músicas e piadinhas ensaiadas entre uma e outra. O pai achava que ele era um palhaço e que tinha muita técnica e pouco sentimento. Podia ter ficado nisso, mas depois do show, quando o cantor tava tomando quentão numa barraquinha, um sujeito lá achou que seria uma boa ideia apresentar os dois, já que eram dois gaúchos de bombacha. Veio trazendo o cantor pelo braço até perto do pai e os dois logo se estranharam. Depois fiquei sabendo que era bem mais do que uma questão de qualidade musical, mas de início eles fingiram que não se conheciam, em respeito ao sujeito empolgado que tava apresentando os dois. Mas esse cara fez a besteira de perguntar à queima-roupa pro pai se ele tinha gostado da música, e o pai era assim, perguntou vai ter a resposta. A opinião sincera deixou o cantor enfurecido. Os dois começaram a bater boca e o pai mandou o cara virar a boca

pra lá porque o bafo dele parecia bunda de graxaim morto. Várias pessoas ouviram isso e riram. O índio de Uruguaiana engrossou, é claro, e daí pro pai puxar a faca foi um pulo. O cantor saiu fora e a discussão terminou, mas o negócio é que eu lembro da reação do povo que juntou ao redor. Não era só curiosidade pela briga, eles tavam olhando teu vô de lado, cochichando e balançando a cabeça. Percebi que entre uma visita e outra ele tinha se tornado uma figura malvista. Quer dizer, ninguém quer ter por perto um gaúcho grosso que acha bonito mostrar faca por causa de qualquer besteira. Eu disse pra ele parar com aquilo, mas pro teu vô era uma coisa à toa, ele nem se dava conta da própria estupidez. As pessoas aqui tão com medo de ti, eu disse pra ele, isso não é bom, tu vai arranjar problema sério. Fui embora e fiquei um tempão sem saber do pai. Naquela época fiquei meio preso em Porto Alegre, trabalhando muito, e foi também nessa época que comecei a namorar tua mãe, a gente namorou quatro anos e ela me abandonou três vezes antes da gente casar, mas enfim, fiquei um tempão sem visitar o pai e muitos meses depois recebi um telefonema de um delegado de Laguna dizendo que tinham assassinado ele. Teve um bailão dominical num salão qualquer lá da comunidade, um daqueles aonde vai a cidade inteira. No auge da festança falta luz. Quando a luz volta, um minuto depois, tem um gaúcho deitado no meio do salão com uma poça de sangue em volta, dezenas e dezenas de facadas. Todo mundo matou ele, ou seja, ninguém matou ele. A cidade matou ele. Foi o que o delegado me disse. Tava todo mundo lá, famílias completas, provavelmente até o padre. Apagaram a luz, ninguém viu nada. As pessoas não tinham medo do teu vô. Tinham ódio.

Bebem um gole de cerveja. O pai seca a garrafa e encara o filho com um quase sorriso.

Só que eu não acredito nessa história.

Ué, por que não?

Porque não tinha corpo.

Mas não era ele lá todo esfaqueado?

Isso é o que me contaram. Nunca vi o corpo. Quando aquele delegado me ligou a coisa já estava meio resolvida. Disseram que levaram semanas até me encontrar. Rastreamos via Taquara, alguém em Garopaba sabia que ele vinha de lá, acharam alguém que reconheceu a descrição do pai e sabia meu nome. Quando me ligaram ele já tava enterrado.

Onde?

Em Garopaba mesmo. No cemiteriozinho da vila dos pescadores. É uma pedra sem nada escrito, no fundo do terreno.

Tu foi lá?

Fui, vi o túmulo e resolvi umas burocracias em Laguna. Tudo muito esquisito. Tive uma sensação muito forte de que não era ele que tava naquele buraco. Tinha mato bem crescido na terra. Lembro de ter pensado Puta que me mordeu, isso aqui não foi cavado semana retrasada nem a pau. Não encontrei ninguém que me confirmasse a história. Era como se não tivesse acontecido. A história do crime em si era plausível, o silêncio do povo fazia sentido, mas a forma como fiquei sabendo, o papo do delegado, aquela pedra horrorosa sem nome nenhum... nunca me convenci totalmente. Mas enfim, seja lá o que tenha acontecido com o teu vô, era o que tinha que acontecer. As pessoas vão ao encontro de uma morte específica na maioria dos casos. Ele teve a dele.

Nunca pensou em abrir o túmulo? Deve ter um jeito permitido de fazer isso.

O pai olha pro lado, contrariado. Suspira.

Escuta. Eu nunca contei essa história pra ninguém. Tua mãe não sabe. Se tu perguntar ela vai dizer que teu vô desapareceu, porque é o que contei pra ela. Pra mim ele tinha mesmo desaparecido. Eu deixei pra lá. Nunca mais pensei nisso. Se tu acha hor-

rível, azar o teu. O jeito como eu era naquela idade, a vida que tinha naquela época... seria difícil te fazer entender agora.

Eu não acho horrível. Calma.

O pai se remexe na poltrona. Beta se levanta e com um pequeno impulso põe as patas dianteiras na perna do dono, que agarra e segura o focinho dela como se a amordaçasse, baixando a cabeça para encará-la nos olhos. Quando solta, ela desce e volta a deitar ao lado da poltrona. É um pequeno fragmento do cerimonial inescrutável que é a relação do pai com o animal.

E por que tu tá me contando isso agora?

Tu não leu aquele conto do Borges que mencionei antes né.

Não.

“O sul”.

Não, não li nada do Borges.

Claro, tu não lê porra nenhuma.

Pai. A pistola.

Bueno.

O pai abre a garrafa de conhaque, enche uma pequena taça de vidro, bebe tudo de uma vez. Não oferece ao filho. Pega a pistola e a analisa por um instante. Aciona o mecanismo que libera o pente para fora do cabo e o recoloca em seguida, como se apenas quisesse mostrar que a arma está descarregada. Uma única gota de suor escorre por sua têmpora chamando a atenção para o fato de que ele já não transpira por todo o corpo. Um minuto antes, estava coberto de suor. Prende a pistola na cintura da calça e o encara.

Eu vou me matar amanhã.

Pensa sobre o que acabou de ouvir por um bom tempo, ouvindo a respiração descompassada sair em curtos disparos pelas narinas. Um cansaço imenso cai sobre seus ombros de repente. Enfia a foto do avô no bolso, seca as mãos na bermuda, se levanta e caminha em direção à porta da rua.

Volta aqui.

Pra quê? O que tu quer que eu faça depois de ouvir uma merda dessas? Porque de duas uma, ou tu tá falando sério e quer que eu te convença a mudar de ideia, o que seria a pior sacanagem que tu já me fez na vida, ou tá tirando uma da minha cara, o que seria tão sem noção que prefiro nem descobrir agora. Tchau.

Volta, porra.

Fica parado ao lado da porta, olhando para trás, para o piso triste de lajotas de argila rosada separadas por listras de cimento, para a samambaia viçosa tentando escapar de um xaxim pendurado ao teto por finas correntes presas a um gancho, para a atmosfera perene de fumaça de charuto que habita a sala com sua consistência invisível e cheiro adocicado e estranhamente animal.

Não tô brincando e não quero que tu me convença de nada. Tô te informando de uma coisa que vai acontecer.

Não vai acontecer nada.

Entende o seguinte. É inevitável. Decidi faz semanas num momento da mais pura lucidez. Eu tô cansado. Tô de saco cheio. Acho que começou com aquela cirurgia de hemorroida. No meu último check-up o médico viu os exames e me olhou com uma cara de morte, de decepção por toda a raça humana. Tive impressão de que ele ia se demitir da minha causa como se fosse um advogado. E ele tem razão. Tô começando a ficar doente e não tô a fim. Não sinto mais o gosto da cerveja, os charutos tão me fazendo mal e não consigo parar, não tenho vontade nem de tomar Viagra pra fuder, não tenho nem a *nostalgia* de fuder. Essa vida é comprida demais e não tenho paciência. Viver depois dos sessenta, pra quem teve uma vida como a minha, é uma questão de teimosia. Respeito quem investe nisso, mas não tô a fim. Fui feliz até uns dois anos atrás e agora quero ir embora. Quem acha errado que viva até os cem se quiser, desejo sucesso. Nada contra.

Quanta besteira.

É. Esquece. Não posso esperar que tu entenda. A gente é diferente demais. Não tenta entender, tu vai te desgastar à toa.

Tu sabe que não vou deixar tu fazer isso, pai. Por que me chamou aqui pra dizer uma coisa dessas?

Eu sei que é sacanagem. Mas fiz isso porque confio em ti, sei o cara forte que tu é. Te chamei porque tem uma coisa que eu preciso resolver antes e não posso resolver sozinho, e só o meu filho pode me ajudar.

Por que não chama o outro? Ele vai achar graça nisso, quem sabe. Vai escrever um livro a respeito.

Não, eu preciso de ti. É a coisa mais importante que já precisei pedir pra alguém e é contigo que eu posso contar.

Me entrega essa pistola agora e eu resolvo a coisa, seja o que for. Deu? Acabou a palhaçada?

O pai ri diante do filho exasperado.

Tchê, guri... escuta. O que tem que ser resolvido é *por causa* da outra coisa.

Do suicídio.

Acho essa palavra bundona, tô evitando. Mas pode usar se quiser.

O que eu faço agora, pai? Chamo a polícia? Te interno? Dou um passo até aí e arranco essa arma de ti à força? Tu achou mesmo que isso ia dar certo?

Já deu certo. É como se já tivesse acontecido.

Isso é idiota. É uma opção tua. E se eu te fizer mudar de ideia?

Não é uma opção minha. Seria mais fácil pra mim, e muito mais fácil pra ti, ver como uma opção. Minha decisão não resulta no fato, ela é parte do fato. É só mais uma forma de morrer, guri. Levei muito tempo pra chegar até aqui. Senta aí de novo, rapaz. Quer outra cerveja?

Dá passos rápidos até o sofá e senta-se com raiva.

Olha, pensa o seguinte. Imagina como seriam as coisas se tu ou qualquer pessoa tentasse me impedir de agora em diante. A encheção de saco. Eu tentando levar essa decisão a cabo e você tentando me impedir, sei lá como, morando comigo, me monitorando, me internando, medicando, teu irmão vindo de São Paulo e tua mãe tendo que me suportar de novo. Sei lá o que poderia ser feito, mas seria um pesadelo bisonho pra todo mundo envolvido. Percebe o absurdo? Não tem nada mais ridículo do que uma pessoa tentando convencer outra. Trabalhei com persuasão minha vida toda, a persuasão é o maior câncer do comportamento humano. Ninguém nunca devia ser convencido de nada. As pessoas sabem o que querem e sabem do que precisam. Sei disso porque sempre fui especialista em persuadir e inventar necessidades, e é por isso que tá cheio de plaquinha naquela parede. Não tenta me dissuadir. Se tu me convencesse a não me matar, tu me transformaria num aleijado, eu viveria mais alguns anos derrotado, mutilado e doente, implorando por misericórdia. Isso é sério. Não tenta me persuadir. Persuadir uma pessoa a não seguir o coração é obsceno, a persuasão é uma coisa obscena, a gente sabe do que precisa e ninguém pode nos aconselhar. O que eu vou fazer tá decidido há muito tempo, antes de eu próprio ter a ideia.

Eu esperava bem mais de ti, pai. Mais do que esse papo débil mental. Tenho nojo de agir como vítima e quem me ensinou isso foi tu. E agora tu tá dando uma de vítima pra cima de mim.

Vou te ensinar outra coisa agora: quando tu começar a cagar sangue e ficar brocha e acordar de saco cheio da vida todo maldito dia, tu tem a obrigação moral de agir como vítima. Anota aí. Ah, não vem me agredir, cacete. Ficou valente de uma hora pra outra? Não faz teu tipo. Tu é um cara cordato, meio bunda-mole até, sempre fui franco contigo. Te saco de cima a baixo. Já te pre-

veni de tanta coisa. Alguma vez eu errei? Hein? Eu te disse que tu ia perder tua mulher do jeito que perdeu. Te disse que tu ia passar a vida sendo o último recurso dos desesperados. Mas tu consegue pensar de verdade nos outros mesmo sem lembrar da cara de ninguém. E por isso tu é melhor do que eu e teu irmão. Eu tenho orgulho disso e te amo por isso. E agora eu preciso que tu fique do lado do teu velho.

Porra, pai.

Os olhos do pai estão vermelhos.

É a Beta.

O que tem a Beta?

O pai abana em direção à porta da rua e emite um ruído quase inaudível. A cadela se levanta sem hesitar e sai da casa.

Tu sabe como eu amo essa cachorra. A gente é muito ligado.

Não vou fazer isso.

Por quê?

Não tenho como cuidar de cachorro. E de qualquer forma... caralho, não tô acreditando nisso. Desculpa. Preciso ir embora.

Não é pra cuidar. Quero que tu leve ela no Rolf, lá em Belém Novo. Depois que eu tiver... feito o que vou fazer. Manda ele dar uma injeçãozinha nela. Já me informei, não tem dor.

Não, não.

Ela já tá deprimida agora. Ela já sabe. Vai definhar quando estiver sozinha.

Faz isso tu mesmo. É tu que não tem escolha pra porra nenhuma. Eu tenho. Não vou fazer parte disso.

Não tenho coragem, guri.

Não, não.

Tu tem que me prometer.

Esquece, pai. Impossível.

Promete.

Eu não posso fazer parte.

Por favor.

Não. Não é justo.

Tu tá me negando o último pedido.

Não rola.

Tu vai fazer. Sei que vai.

Não vou. Tu tá sozinho nisso. Não tem como. Desculpa.

Eu sei que tu vai fazer. É por isso que tu tá aqui.

Tu tá tentando me persuadir. Até agora há pouco isso era obsceno.

Não vou te persuadir. Já terminei. É um pedido. Eu sei que tu não vai me negar isso.

Velho desgraçado.

Esse é o meu nome.

Uma recordação muito antiga lhe vem à mente. A cena é despropositada e não parece merecer o registro da memória, muito menos a evocação inoportuna. O pai estava raspando a barba no banheiro com a porta aberta, pela manhã, antes de sair para o trabalho, e ele, com seis ou sete anos de idade, observava. Encerrado o serviço da lâmina, lavou o rosto com sabonete, cobrindo-o de espuma, e depois o enxaguou repetidas vezes. No segundo enxague o rosto já não tinha espuma, mas o pai seguiu jogando água na cara, quatro, cinco vezes. Perguntou-lhe por que passava água tantas vezes, se na segunda vez a espuma já tinha saído. O pai respondeu como se fosse a coisa mais óbvia do mundo: Porque é bom.

Minha mão tá tremendo, pai.

Tu tá indo bem. Tu é um ser humano superior.

Cala a boca.

Sério, tenho muito orgulho de ti. Ninguém mais conseguiria.

Eu não aceitei.

Eu podia te fazer prometer coisa bem pior. Fazer as pazes com o teu irmão, por exemplo.

Eu faço se tu me disser que tá tirando onda da minha cara. Dentro de algumas horas eu tô dando um abraço nele. Pode marcar o churrasco.

Boa tentativa. Mas na verdade eu não tô nem aí. Eu não perdoaria ele se fosse tu.

Bom saber isso.

É, agora não me importo de dizer. Mas preciso mesmo que tu poupe o meu bichinho. Ela tem quinze anos, mas essa raça passa fácil dos vinte. Essa cadela é a minha vida. Tu já viu um cachorro deprimido? Se ela ficar sem mim eu vou levar o sofrimento dela comigo. Posso considerar prometido?

Pode.

Obrigado.

Não, não pode. Não posso fazer parte.

Te amo, guri.

Eu não aceitei. Não aceitei. Não encosta em mim.

Eu não ia encostar. Não tô nem me mexendo.